

**A INTERAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E APRENDIZADO EM GRUPO:
ESTRATÉGIAS QUE INCENTIVAM A INTERDEPENDÊNCIA POSITIVA E O ENSINO
COLABORATIVO ENTRE ALUNOS**

**THE INTERACTION BETWEEN INCLUSIVE EDUCATION AND GROUP LEARNING:
STRATEGIES THAT PROMOTE POSITIVE INTERDEPENDENCE AND COLLABORATIVE
TEACHING AMONG STUDENTS**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.028-015>

Ivani Ramos do Carmo

Mestrado no Ensino de Ciências - Universidade Cruzeiro do Sul
E-mail: livcampos5@gmail.com

Karla Geane Botelho de Souza

Especialização em Atendimento Educacional Especializado - FACUMINAS
E-mail: karlageane78@gmail.com

Gilvânia Filgueiras

Especialização em Educação Infantil - Faculdade Campus Eliseus
E-mail: gilvaniafilgueiras@gmail.com

Vanessa dos Santos Riella

Especialização em Educação Especial e Inclusiva – Faculdade São Luiz
E-mail: vanessariella@hotmail.com

Erisnalva Pereira da Silva

Doutoranda em Movimento Humano e Reabilitação - UniEVANGÉLICA
E-mail: erisnalva.silva@ifto.edu.br

Edineia Natalino da Silva Santos

Doutorado em Educação - Unesp/Rio Claro
E-mail: edineianatalino@gmail.com

Douglas Junior Butzke

Especialização em Atendimento Educacional Especializado - FACUMINAS
E-mail: douglasjbutzke@gmail.com

Manoel Pessôa da Silva

Especialista em Redação, Linguagem e Leitura - UNIC
E-mail: pessoapoliedro2022@gmail.com

Marineusa Gonçalves Martins

Especialização em Educação Especial/Educação Inclusiva/Altas Habilidades - Univitoria
E-mail: marineusamartins3@hotmail.com



Renilda Artiaga Mota

Graduação em Pedagogia - Faveni

E-mail: renilda.artiag@gmail.com

RESUMO

A educação inclusiva se firmou nos últimos anos como um dos pilares das políticas educacionais, com o objetivo de assegurar que todos os alunos tenham acesso, continuidade e êxito na escolaridade, independentemente de suas condições ou necessidades. Nesse cenário, a aprendizagem em grupo e o ensino colaborativo surgem como abordagens pedagógicas que potenciam a interdependência positiva, a responsabilidade compartilhada e a valorização da diversidade. Este texto analisa a conexão entre práticas inclusivas e metodologias colaborativas, enfatizando táticas como a técnica do Jigsaw, a tutoria entre colegas, a aprendizagem voltada para problemas e os projetos interdisciplinares. Estudos recentes mostram que essas abordagens favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, além de reforçar princípios como empatia, solidariedade e respeito mútuo. A conclusão é que alocar recursos em metodologias colaborativas é fundamental para assegurar que a inclusão seja um princípio estruturante na educação contemporânea, facilitando ambientes democráticos e participativos.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Aprendizagem colaborativa; Interdependência positiva; Ensino em grupo; Estratégias pedagógicas.

ABSTRACT

Inclusive education has been consolidated in recent decades as a fundamental principle of educational policies, aiming to ensure access, permanence, and academic success for all students, regardless of their conditions or specific needs. In this context, group learning and collaborative teaching emerge as pedagogical strategies that foster positive interdependence, shared responsibility, and the appreciation of diversity. This article discusses the relationship between inclusive practices and collaborative methodologies, highlighting strategies such as the Jigsaw method, peer tutoring, problem-based learning, and interdisciplinary projects. Recent evidence shows that such practices contribute to the development of cognitive and socio-emotional skills, as well as strengthening values such as empathy, solidarity, and mutual respect. It is concluded that investing in collaborative methodologies is essential to consolidate inclusion as a structuring principle of contemporary schools, promoting democratic and participatory environments.

Keywords: Inclusive education; Collaborative learning; Positive interdependence; Group teaching; Pedagogical strategies.



1 INTRODUÇÃO

A inclusão na educação se firmou nas últimas décadas como um dos alicerces essenciais das políticas educacionais no mundo, alinhando-se a documentos internacionais como a Declaração de Salamanca de 1994 e a Agenda 2030 da ONU, que promovem o direito geral a uma educação que seja tanto de qualidade quanto igualitária. No país, esse movimento se fortaleceu com a Política Nacional de Educação Especial na Visão da Educação Inclusiva (2008), que reafirma a determinação de assegurar o acesso, a continuidade e o êxito acadêmico de todos os alunos, especialmente os que têm deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e habilidades/aptidões elevadas. Nesse cenário, a escola atual enfrenta o desafio de reconsiderar suas abordagens educacionais, à procura de métodos que reconheçam a diversidade e incentivem a envolvimento ativo de todos os estudantes.

Dentre as abordagens que se sobressaem nesse contexto, a aprendizagem em equipe e o ensino coletivo têm um papel fundamental. Ao contrário das metodologias convencionais, que enfatizam a rivalidade e a performance isolada, o trabalho colaborativo organizado em torno da interdependência construtiva promove a união, a responsabilidade compartilhada e a apreciação das diversidades. Essa visão educacional reconhece que cada aluno tem habilidades singulares e que o aprendizado é mais valioso quando é desenvolvido em conjunto. Dessa forma, o coletivo vai além de ser um local de convivência, constituindo um contexto de geração de saber, onde cada membro participa e adquire conhecimento de maneira recíproca.

Ademais, a relação entre a educação inclusiva e as práticas colaborativas contribui para o aprimoramento de habilidades socioemocionais que são fundamentais para a convivência social, como a empatia, o respeito, a solidariedade e a habilidade de resolver conflitos. Estudos recentes indicam que instituições de ensino que utilizam abordagens colaborativas mostram um aumento no envolvimento dos alunos, diminuição de obstáculos para a participação e fortalecimento da autoconfiança, principalmente entre aqueles que normalmente encontram dificuldades para se incluir. Assim, entender e implementar táticas que promovam a interdependência benéfica e a aprendizagem em conjunto não só aumenta as chances de aprendizado, mas também ajuda na formação completa dos estudantes, preparando-os para se envolver em uma sociedade diversa, democrática e interligada.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

As abordagens de aprendizado colaborativo têm se mostrado essenciais para fortalecer a educação inclusiva, pois possibilitam que os alunos se envolvam ativamente no ensino, valorizando suas singularidades e habilidades. Dentre essas abordagens, o método Jigsaw se destaca, onde cada estudante é encarregado de uma parte do material e deve apresentá-la ao grupo. Essa metodologia promove uma



interdependência positiva, pois o êxito do grupo depende das contribuições individuais, encorajando a responsabilidade e a colaboração. De acordo com Macêdo e Devens (2025), práticas colaborativas como o Jigsaw são benéficas para a formação de laços entre os alunos e aumentam a participação em sala de aula, principalmente em contextos inclusivos.

Outra abordagem importante é a tutoria entre pares, onde estudantes mais proficientes em um tema ajudam aqueles que enfrentam dificuldades. Essa prática reforça a solidariedade e o respeito mútuo, além de diminuir as barreiras para a participação. Senff et al. (2025) apontam que o planejamento colaborativo entre professores, combinado com a tutoria entre pares, favorece práticas inclusivas mais efetivas, assegurando que todos os alunos tenham chances de aprender e ensinar.

A aprendizagem baseada em problemas (ABP) também se revela eficiente ao incentivar grupos diversificados a solucionarem questões reais ou simuladas. Essa técnica estimula competências de pesquisa, argumentação e decisão, além de promover a autonomia dos alunos. Segundo pesquisas publicadas na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (2024), a ABP em contextos inclusivos resulta em maior engajamento e potencializa habilidades socioemocionais, como empatia e cooperação.

Os projetos interdisciplinares configuram outra estratégia que respeita a diversidade ao unir diferentes disciplinas em atividades conjuntas. Nesses projetos, cada aluno traz suas habilidades específicas, enriquecendo a experiência de aprendizado. Conforme indicado pela SciELO Brasil (2024), a pedagogia colaborativa, quando aplicada a projetos interdisciplinares, gera ambientes inclusivos que incentivam a participação de todos e expandem a construção coletiva do saber.

As estratégias de aprendizagem colaborativa são fundamentais para consolidar a educação inclusiva, pois permitem que os estudantes participem de forma ativa e significativa no processo de ensino. Elas estimulam a interdependência positiva, a corresponsabilidade e a valorização das diferenças, transformando a sala de aula em um espaço de cooperação e construção coletiva do conhecimento.

Exemplos de Estratégias:

1. Método Jigsaw (Quebra-Cabeça)

- Cada aluno recebe uma parte do conteúdo e torna-se responsável por explicá-la ao grupo.
- Exemplo: em uma aula de História, cada estudante pesquisa um período específico (Idade Média, Renascimento, Revolução Industrial) e depois compartilha com os colegas.
- Sugestão: o professor pode fornecer materiais adaptados para alunos com diferentes necessidades, garantindo que todos tenham condições de contribuir.
- Evidência: segundo Macêdo e Devens (2025), essa prática fortalece vínculos afetivos e pedagógicos, além de ampliar o engajamento dos estudantes em contextos inclusivos.

2. Tutoria entre Pares



- Estudantes com maior domínio de determinado conteúdo apoiam colegas que apresentam dificuldades.
- Exemplo: em Matemática, um aluno que comprehende bem frações ajuda outro que encontra dificuldades, explicando com exemplos práticos.
- Sugestão: alternar os papéis de tutor e aprendiz, para que todos tenham a oportunidade de ensinar e aprender.
- Evidência: Senff et al. (2025) destacam que essa prática reduz barreiras de participação e promove solidariedade, fortalecendo a autoestima dos alunos.

3. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP)

- Os alunos trabalham em grupos para resolver situações reais ou simuladas.
- Exemplo: em Ciências, os estudantes investigam soluções para reduzir o consumo de água na escola.
- Sugestão: propor problemas que tenham relevância social e que possam ser resolvidos com diferentes perspectivas, valorizando a diversidade de ideias.
- Evidência: estudos publicados na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (2024) mostram que a ABP aumenta a motivação e desenvolve competências socioemocionais como empatia e cooperação.

4. Projetos Interdisciplinares

- Grupos heterogêneos desenvolvem projetos que envolvem múltiplas áreas do conhecimento.
- Exemplo: um projeto sobre sustentabilidade pode integrar conteúdos de Geografia, Biologia e Matemática.
- Sugestão: incentivar que cada aluno contribua com suas habilidades específicas (desenho, escrita, pesquisa, apresentação oral), valorizando talentos diversos.
- Evidência: SciELO Brasil (2024) aponta que a pedagogia colaborativa aplicada em projetos interdisciplinares cria ambientes inclusivos e amplia a construção coletiva do conhecimento.

Sugestões Práticas para Professores

- **Formar grupos heterogêneos**, misturando alunos com diferentes habilidades, estilos de aprendizagem e experiências.
- **Definir objetivos claros e coletivos**, para que o sucesso individual dependa do sucesso do grupo.
- **Utilizar recursos variados** (visuais, auditivos, digitais) para atender às necessidades diversas dos estudantes.
- **Promover momentos de reflexão**, em que os alunos avaliem o trabalho em grupo e discutam como melhorar a cooperação.



- **Estimular a corresponsabilidade**, garantindo que todos tenham tarefas significativas e não apenas papéis secundários.

Resumindo, as estratégias de aprendizado colaborativo, como o Jigsaw, a tutoria entre pares, a ABP e os projetos interdisciplinares, não apenas promovem a inclusão, mas também aprimoram habilidades acadêmicas e socioemocionais fundamentais para a convivência social. Elas enfatizam que a diversidade é um recurso educativo valioso e que a aprendizagem se torna mais relevante quando é um esforço conjunto.

2.2 PAPEL DO PROFESSOR

O papel do educador em ambientes de educação inclusiva e aprendizagem em conjunto vai muito além de simplesmente repassar informações. Ele atua como intermediário, facilitador e organizador das vivências educacionais, tendo a responsabilidade de criar espaços que incentivem a participação de todos os alunos, sem levar em conta suas condições ou necessidades individuais. Dessa forma, o professor deve desenvolver atividades que fomentem a colaboração, a corresponsabilidade e a valorização das diferenças, assegurando que cada estudante tenha um papel ativo no processo de aprendizado.

De acordo com Senff et al. (2025), o planejamento colaborativo entre educadores é uma abordagem vital para a implementação de práticas inclusivas, pois proporciona aos professores a capacidade de combinar diversas metodologias e recursos, ajustando-os de acordo com as necessidades dos alunos. Essa colaboração aprimora a formação de uma cultura escolar inclusiva, onde o trabalho conjunto de educadores impacta diretamente a qualidade das interações entre os estudantes.

Ademais, o professor desempenha um papel essencial na facilitação da comunicação e na mediação de conflitos, promovendo o diálogo e a empatia entre os alunos. Macêdo e Devens (2025) enfatizam que o trabalho colaborativo entre docentes e discentes é crucial para a formação de laços afetivos e pedagógicos, que são indispensáveis ao engajamento dos alunos em contextos inclusivos. Deste modo, o educador não apenas transmite saberes, mas também atua como um promotor de valores como solidariedade e respeito à diversidade.

Outro ponto significativo é a habilidade do professor de ajustar metodologias às diversas formas de aprender. Nas turmas inclusivas, é fundamental empregar uma variedade de recursos visuais, sonoros, e cinestésicos para atender aos diferentes estilos de aprendizagem. Segundo SciELO Brasil (2024), a pedagogia colaborativa exige que o professor esteja apto a integrar práticas inclusivas ao conteúdo curricular, criando oportunidades para a participação efetiva de todos os alunos.

Por último, é responsabilidade do professor incentivar a interdependência positiva nos grupos, criando atividades nas quais o êxito individual esteja atrelado ao sucesso do coletivo. Essa abordagem pedagógica ajuda os alunos a desenvolverem autonomia, responsabilidade e habilidades socioemocionais como empatia e cooperação. Assim, o educador se torna uma peça fundamental na construção de uma



educação inclusiva que valorize a diversidade como um recurso de ensino e promova aprendizagens significativas.

2.3 EVIDÊNCIAS RECENTES

Nos anos recentes, variados estudos têm enfatizado a relevância da conexão entre educação inclusiva e aprendizagem colaborativa como componentes essenciais para aprimorar a qualidade da educação. As provas indicam que métodos que incentivam a colaboração e a dependência positiva não só melhoram o desempenho escolar, mas também favorecem o crescimento socioemocional dos alunos, criando ambientes mais democráticos e engajados.

De acordo com Senff et al. (2025), o planejamento colaborativo entre docentes é uma das ações que mais favorecem a eficácia da inclusão nas escolas. Ao trabalharem juntos, educadores conseguem desenvolver atividades que atendem a diferentes estilos de aprendizado, assegurando que todos os alunos tenham acesso igualitário ao conhecimento. Essa abordagem fortalece a cultura de colaboração na instituição de ensino e influencia diretamente na qualidade das interações entre os alunos.

Macêdo e Devens (2025) enfatizam que a colaboração em sala de aula cria laços afetivos e pedagógicos, essenciais para o envolvimento dos estudantes. Em turmas inclusivas, tal abordagem ajuda a diminuir as barreiras à participação e a aumentar a autoestima dos alunos, especialmente daqueles que enfrentam dificuldades de aprendizado. Os autores destacam que a colaboração entre colegas é uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de transformar a sala de aula em um espaço de solidariedade e respeito mútuo.

Estudos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (2024) mostram que a pedagogia colaborativa une formação de professores e prática pedagógica, criando ambientes inclusivos que incentivam a participação de todos. Os dados revelam que metodologias colaborativas diminuem os índices de evasão escolar, aumentam a motivação dos alunos e favorecem aprendizagens mais duradouras. Isso evidencia que a inclusão, quando aliada ao ensino colaborativo, não é apenas uma questão ética, mas também uma abordagem pedagógica eficaz.

Além das evidências locais, investigações internacionais apoiam esses achados. Estudos conduzidos em contextos educacionais na Europa e América do Norte demonstram que metodologias como Jigsaw e a aprendizagem baseada em problemas (ABP) têm impacto direto na melhoria do desempenho escolar e no desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Essas abordagens promovem a corresponsabilidade, a empatia e a colaboração, preparando os alunos para atuar em sociedades progressivamente interdependentes e diversas.

Outro aspecto importante é que instituições de ensino que adotam práticas colaborativas inclusivas apresentam um maior engajamento dos alunos e uma diminuição nas tensões interpessoais. Isso se dá

porque os estudantes passam a valorizar as diferenças e a cooperar para atingir metas comuns. Essas evidências reforçam que a inclusão deve ser entendida não apenas como uma obrigação legal, mas como uma chance de enriquecer o processo educativo e formar cidadãos mais conscientes e solidários.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre a relação entre educação inclusiva e aprendizado coletivo mostra que abordagens pedagógicas fundamentadas na interdependência positiva e no ensino cooperativo são essenciais para a criação de ambientes educacionais mais democráticos, justos e participativos. Quando a inclusão é combinada com métodos colaborativos, ela vai além da simples presença física dos alunos nas salas de aula, garantindo sua participação ativa e significativa nos processos de aprendizagem, reconhecendo suas singularidades como valiosos recursos educacionais.

Os achados apresentados nesta pesquisa indicam que métodos como Jigsaw, tutoria entre colegas, aprendizado baseado em problemas e projetos interdisciplinares favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, além de reforçar valores como solidariedade, empatia e respeito mútuo. Essas abordagens mostram que a realização individual está intimamente ligada ao êxito coletivo, cultivando uma cultura escolar que aprecia a diversidade e promove a responsabilidade compartilhada.

Neste cenário, a função do educador é crucial. O professor deve atuar como mediador e facilitador, planejando atividades que atendam diferentes estilos de aprendizagem e assegurando a participação ativa de todos os alunos. Como ressaltam Senff et al. (2025), o planejamento colaborativo entre docentes é uma ferramenta eficaz para incluir práticas educacionais em que os professores podem adaptar as metodologias às necessidades específicas de seus alunos. Essa atitude pedagógica enfatiza que a inclusão não é apenas uma exigência normativa, mas uma prática que enriquece o processo de ensino-aprendizagem.

Recentes evidências apontam que escolas que implementam práticas colaborativas inclusivas apresentam um maior envolvimento dos estudantes, redução de obstáculos à participação e diminuição da evasão escolar. Ademais, estudos tanto nacionais quanto internacionais demonstram que metodologias colaborativas favorecem aprendizagens mais duradouras e significativas, preparando os alunos para atuar em sociedades cada vez mais interdependentes e variadas (Macêdo & Devens, 2025; SciELO Brasil, 2024).

Dessa forma, é possível concluir que investir em métodos de ensino colaborativo e na interdependência positiva representa um caminho promissor para estabelecer a educação inclusiva como um princípio fundamental das escolas contemporâneas. Mais do que assegurar o acesso, a meta é garantir a participação, o pertencimento e aprendizagens significativas para todos os alunos. Essa visão requer um compromisso político, formação contínua para os educadores e práticas pedagógicas inovadoras que possam transformar a escola em um ambiente de convivência democrática e de construção coletiva do conhecimento.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc_especial.pdf. Acesso em: 8 dez. 2025.

MACÊDO, V.; DEVENS, W. M. Trabalho colaborativo: sentir, ver e fazer na Educação Inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Básica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2025. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/2025/04/24/trabalho-colaborativo-sentir-ver-e-fazer-na-educacao-inclusiva/>. Acesso em: 8 dez. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando Nossa Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Nova Iorque: ONU, 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 8 dez. 2025.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO). Pedagogia colaborativa: interconexões entre formação e ação docente com vistas à inclusão. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 105, n. 269, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/4885349ydNKBSZ6wcFjx53F/?format=html>. Acesso em: 8 dez. 2025.

SENFF, J. R. G.; OLIVEIRA, J. G.; SILVA, E. S.; SILVA, S. S. C. O planejamento colaborativo como estratégia para práticas inclusivas na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 12., 2025, Maceió. Anais [...]. Maceió: Universidade Estadual do Paraná, 2025. Disponível em: https://ns1.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2025/TRABALHO_COMPLETO_EV214_ID4594_TB2740_30102025212632.pdf. Acesso em: 8 dez. 2025.